A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 39 | Domingo 24 de setembro | 1893

Raphael Bordallo Pinheiro

UM dia, ha muitos annos, Manuel Bordallo Pinheiro, então estudante de medicina e hoje medico distinctissimo, appareceu na Escola Polytechnica com um pequeno album de seu irmão Raphael. Era o Alexandre Herculano vendendo azeite, o Bulhão Pato, de caçador, pindarisando na charneca, emquanto os passarinhos lhe tratavam a espingarda como as rãs da fabula o rei-madeiro; o Viale em prelecções no Curso, e tudo o mais a dormir, os discipulos, o relogio e o retrato de D. Pedro V. Raphael era ainda então um artista inedito, mas parece que os rapazes logo presentiram o talento enorme que havia de escrever, quasi sempre ás gargalhadas, a historia dos ultimos tempos. O réclamo cahira em boas mãos; foi feito sincera e enthusiasticamente. O nome de Raphael Bordallo era citado já, já conhecido por todos, quando appareceu o *Calcanhar de Achilles*.

Era uma obra original, a primeira em Portugal no seu genero, feita por uma fórma elevada, até então desconhecida. Esgotou-se em breve. Felizmente ainda n'esse tempo não florescia tão desalmadamente a critica, e Raphael Bordallo não passou pelo desgosto de vêr lançarem-lhe á cara a grande originalidade, sua maior virtude, por esses que têem por horizonte curtissimo as paredes esverdeadas do saguão sujo para onde deitam as frestas das baiucas onde habitam.

Era seu pae um pintor de muito merecimento, ha treze annos fallecido, e cujos quadros, quasi todos de interior, cheios de pormenores pacientes, lembram velhas télas da escola flamenga, para as quaes o seu bom gosto, que o fóra de moda tornava original, decididamente o attrahia. Quando se pensa que individualidades tão differentes, como Raphael, Columbano e D. Maria Augusta Bordallo, herdaram d'um mesmo artista o genio que os torna celebres, chega-se á conclusão que, sejam quaes forem as suas manifestações nos differentes temperamentos, a Arte é uma só.

O pae não o queria assim. Lembrava-lhe que ardua carreira escolhera para si, via dolorosa em toda a parte, dolorosissima em Portugal. Aqui não ha compensações para a lucta medonha, quando a sensibilidade exacerbada traz comsigo as longas noites de insomnia, a febre que requeima, e a grande irritação dos nervos. N'essas batalhas, por uma victoria, quantas derrotas que o artista não conta, de que elle não ousa queixar-se, porque o não percebem, mas que, pouco a pouco, fibra a fibra, lhe foram destruindo o coração! Para um bazar, para um beneficio, seja para o que fôr, ninguem pede a um sapateiro um par de sapatos; mas todos se julgam com direito de honrar o artista, encommendando-lhe, de graça entende-se, uns versos, um quadro, um hymno. — «Você faz isso sobre o joelho.» E n'este elogio idiota mostram mais uma vez o desprezo que lhes merece esse genero de trabalho.

O velho Manuel Bordallo tinha razão quando imaginou fazer do filho... um amanuense.

Mas o *Calcanhar de Achilles* trouxera-lhe em poucos dias a celebridade e nos sonhos dos seus vinte e poucos annos a Gloria apparecia-lhe radiosa, nas suas vestes ethereas pintadas com as côres opulentas d'uma aurora de maio. O carro triumphal era tirado pela For-

tuna, que da vasta cornucopia deixava cahir palmas e loiros cravejados de pedras e perolas. É a visão que a todos attrahe, como se a Fortuna não fosse cega, a gloria não fosse mais do que um nome pomposo. Não se lembram os sonhadores do orgulho dos ignorantes, da inveja dos inuteis.

Era um benemerito Bordallo. Democrito com um coração d'oiro, trazia aos homens a mais generosa dadiva de Deus — o riso, a fonte em que se descança por momentos n'esta longa estrada poeirenta, onde são raros os abrigos em que uma noite se repouse, onde as arvores não dão sombra, onde a gente não vê o fim. O riso sagrára — o artista como a outros as lagrimas.

Era ainda no tempo das ultimas tradições romanticas; o artista conhecia-se pela forma do penteado, pelo bigode levantado (já abolida a pera) pelo fato largo, as grandes bandas do collete branco, o nó da gravata desleixado. Bordallo seguia a tradição. Novo, formosissimo, com a vasta cabelleira ao vento, o bigode petulante, passeava em Lisboa o seu triumpho, festejado, querido, vendo cabeças formosas de mulheres voltarem-se rapidas e curiosas, ao ouvirem-lhe o nome.

Et l'esprit qui le suit dans son pélerinage
Pleure de le voir gai comme un oiseau des bois.

É que elle havia de saber um dia que a gloria é uma coisa má, havia de ser artista e conhecer os tormentos da lucta e os fantasmas das insomnias.

Vãgloria é nossa chamar a Bordallo nossa gloria. Tão portuguez pelo coração e pela forma que almeja dar á sua arte em todos os ramos em que a tem tornado distinctissima, é producto do meio em que nasceu, foi criado e tem quasi sempre vivido, como o raio o é do negrume, o movimento da inercia, o diamante do carvão. Pouco deve a poucos, todos lhe devem muito.

Percorrendo as innumeras paginas dos jornaes publicados por elle, vê-se quanto o teem interessado as coisas d'arte em Portugal e os artistas portuguezes. N'um exagero de amigo, n'um enthusiasmo hyperbolico patentêa-se a sua alma boa, generosa, querendo repartir pelos outros a gloria que tem de sobejo. Quantos entre nós trabalham pela arte devem-lhe um bocadinho da notoriedade alcançada, a palma mais querida, o trophéo mais estimado.

Folheando o *Antonio Maria* e os *Pontos nos II* lembra-se a gente da lenda de D. Pedro I percorrendo o reino com a bolsa n'uma das mãos e o chicote na outra. É que, a par do elogio, não raro se encontra a forca onde elle, ás vezes cruelmente, dependurou os criminosos.

Mas Raphael Bordallo, como grande numero de artistas, recebe sobretudo as impressões do exterior. Se fosse litterato não seria um lyrico, não escreveria um romance psychologico, não faria um soneto subjectivo. Seria um excellente satyrico, comporia talvez uma epopéa, se ella coubesse em poucos versos. D'uma sensibilidade aguda, coração aberto a todos os sentimentos generosos, alma fechada a todos os egoismos, recebe a impressão n'um instante e transmitte-a como a recebeu, sem idéas preconcebidas, sem rodeios, n'um momento de enthusiasmo. O que ha de mais notavel n'aquella collecção de jornaes é o deixar ver a historia da vida portugueza nos ultimos annos, atravez d'um temperamento de artista transparente como um cristal. As contradicções apparentes que poderão notar-se estão exactamente na logica do sentimento que as inspirou, teem uma razão de ser artistica, a mais alta de todas as razões.

Como caricaturista Raphael Bordallo é considerado dos primeiros do mundo. Nenhum como elle sabe ver o lado comico das coisas, o feitio pittoresco, singular, caracteristico das pessoas. Tem paginas que são extraordinarios poemas satyricos, assombrosas pela idéa e pela execução. Creou typos immortaes — o Zé Povinho e a Maria, por exemplo; outros perderam o seu feitio proprio para serem apenas o que o artista quiz que fossem. Saber rir é um talento que poucos teem e que todo o alarve julga ter; mas, emquanto o riso idiota nos irrita, a gargalhada de Bordallo estruge como o alarido dos antigos guerreiros dando assalto ás fortalezas. E' o piparote no nariz grave do conselheiro Acacio, o pontapé de Arlequim na pança sonora de Polichinello. Ás vezes é simplesmente a troça d'um garoto alegre commentando um facto, outras a sã philosophia de Democrito destruindo uma idéa.

Mas, recuando os limites até elle impostos á caricatura, buscando notas em teclados estranhos, Raphael Bordallo conseguiu, com um exito que só elle bastára para lhe classificar o talento, compôr a verdadeira caricatura dramatica que arripia pelo contraste. Como Baudelaire com *Les sept Vieillards* e *Les Petites Vieilles*, Bordallo creou um calafrio novo. Entre outras, a cabeça d'um mestre-escola faminto, livida como de espectro, magra, de queixo cahido, cabellos em pé, parece ter sido entrevista n'um pesadêlo horrivel. O resto da pagina é cheia das caricaturas dos felizes, bem comidos, bem tratados, pançudos e luzidios; e aquella caricatura da miseria dá-nos o riso e logo o arrependimento, consegue com a sua meia duzia de traços dar-nos o disparate das impressões, a lagrima correndo nas prégas d'uma gargalhada.

Um dia correu a noticia que Bordallo ia fundar uma fabrica de louça nas Caldas da Rainha. O talento do grande artista ia demonstrar-se no mais artistico ramo da industria portugueza.

Foi n'uma loja da Avenida que se abriu a primeira

exposição. A inspiração portugueza das formas elegantes, os ornatos procurados no que a flora e fauna de Portugal teem de mais decorativo, a tradição das velhas fabricas conservada no que tinham de mais artistico, seriam por si só mais do que bastantes para classificar aquelle facto como um dos mais celebres na historia da arte no nosso paiz, e seguramente o mais notavel dos tempos modernos. Mas, além d'isso, havia mais, o que dava o caracter particular áquella loiça, uma sensibilidade delicada, quasi feminina, onde transparecia a inspiração creadora, amorosa, materna, d'uma alma que sente e tem o raro condão de exprimir o sentimento.

Aberta a exposição de Paris, foi o nome de Bordallo acclamado no mundo inteiro. A originalidade dos productos apresentados, as suas fórmas graciosas, o capricho da ornamentação, a delicadeza d'aquellas grandes folhas quasi transparentes, que se enrolam em volta das talhas, a abundancia das decorações procuradas na fauna maritima, decorações tão nossas, tão communs nas nossas esculpturas, tão vulgares nas ornamentações da velha architectura portugueza, tudo o que o genio de Raphael Bordallo soube accumular n'aquelles pedacinhos de barro cosido, deram-lhe ao nome glorioso uma nova aureola, chamaram sobre alguma coisa portugueza a attenção de todo o mundo civilisado.

Foi n'essa exposição tambem que uma nova feição do talento de Raphael Bordallo, entrevista na composição de muitas paginas dos seus jornaes, se revelou brilhantemente. Ocioso é fallar dos seus trabalhos de decoração. O exito obtido, ainda ha pouco, na exposição colombina de Madrid confirmou plenamente a justiça d'esse primeiro triumpho.

Infelizmente a fabrica das Caldas pouco produz hoje. O soffrimento é companheiro inexoravel de quantos querem trabalhar n'um ramo artistico, de quantos querem combater contra os indifferentes, contra os inertes, contra os insensiveis.

Entretanto Raphael trabalha sempre e tem quasi concluida a sua grande obra. Encarregado da reconstrucção das capellas do Bussaco, acham-se quasi terminados differentes grupos da paixão de Christo. É uma verdadeira obra prima, feita com uma alta consciencia historica, sem um passo desviado da tradição, mas com aquelle cunho singular e caracteristico com que elle assignala os seus trabalhos.

Coisa notavel! Quer molde estatuas ou faça caricaturas, quer torneie uma jarra ou decore um salão, Raphael é sempre o mesmo. Os pequenos talentos são dominados pelo assumpto, os grandes dominam-o. O Rei Lear é irmão de Falstafl, o Mysanthropo irmão de Mr. Jourdain. Essa qualidade, que se adivinha mais do que se percebe, têem apenas as obras em que entra um pedaço da alma indivizivel do auctor.

Vae longe o tempo em que Raphael Bordallo dava os primeiros passos na estrada ingreme. Hoje, do alto da collina, estende a vista sobre o caminho percorrido e o seu vulto sobresahe no grande incendio final d'um dia de verão. Tem cabellos brancos, conta ás vezes historias tristes, teve luctas e teve desgostos. Mas o talento ainda chispa, o Genio com as grandes azas brancas, como a dos anjos da guarda, ainda estende sobre a sua cabeça o grande véo bordado d'oiro.

João da Camara.

POLITICA SEM POLITICA

Ao apparecer a noticia de que a esquadra ingleza tencionava vir ao Tejo fazer a provisão de mantimentos, logo nos jornaes appareceram alguns *patriotas* a declarar que os merceeiros fechariam meia porta das lojas, deixando, sem duvida, aberta a outra meia porta, por onde podessem sahir os cunhaes de bacalhau, os saccos de feijão, os barris de manteiga e outros generos para uso interno dos louros filhos da nobre Albion.

Parece que nenhum commerciante de generos alimenticios auctorisára os eximios *patriotas* a propalar tal noticia; mas os *patriotas* entendiam que fariam um bom serviço ao paiz e desaffrontariam a honra da patria, obrigando a esquadra ingleza a ir dispender em Vigo alguns milhares de libras esterlinas que tencionavam deixar em Lisboa.

Valientes chicos, os taes patriotas!

Uma vez, porém, que se oppõem a que os inglezes venham ao Tejo comprar o feijão, devem fazer com que não vão os portuguezes ao Tamisa vender o vinho.

E se querem então que a industria nacional progrida e que o commercio prospere, ainda devem evitar que da Inglaterra se importe o carvão, o ferro e o ouro, materias indispensaveis para o movimento fabril d'um paiz!

Ora, como não é felizmente com as declamações balofas e platonicas de taes *patriotas* que se governa o mundo, parece-nos que, no caso sujeito, o melhor serviço que elles poderiam fazer ao paiz era... metterem a viola no sacco, para não tocar desaffinado.

Interino.

CHRONICA ELEGANTE

N'este momento psychologico (e digo psychologico, porque é como sempre se classifica o momento em que se trata mais de regalar o corpo do que de purificar a alma) as pessoas que poderam abandonar a tranquillidade burgueza das cidades pela villegiatura maritima acham-se sériamente preoccupadas com o banho, a *matinée*, o concerto, o sarau e o namoro.

Estão em plena animação as praias do paiz, e trata-se de realisar n'ellas o alegre programma, que consiste em banhar, cantar, dansar e namorar. Havia outr'ora uma outra distracção, de que se aproveitavam principalmente os que se não banhavam, os que não cantavam, não dansavam, nem namoravam. Essa distracção era o jogo, não o innocente jogo permittido, como, por exemplo, o burro, mas o sinistro jogo d'azar, em volta do qual confraternisavam clero, nobreza e povo, porque era verdadeiramente ali, em face da carta do baralho e mais do que em face da carta constitucional, que a lei não tinha preferencias. Quer o *ponto* descendesse d'um principe, quer descendesse d'um trolha, perante o az de copas eram todos eguaes!

Mas este anno, por determinação cathegorica e terminante, emanada, como se diz nos documentos officiaes, emanada do sr. ministro do reino, foi o jogo absolutamente prohibido. A ordem de suspensão cahiu, como uma bomba explosiva, sobre o attrahente *tapis vert*, affugentando os afeiçoados e os ambiciosos. Uma bomba lançada ali pela mão de Ravachol não causaria maior assombro, nem mais completa dispersão! Os clubs mudaram completamente de aspecto. Á concorrencia, á animação, ao delirio que até então reinavam nas salas, quando centenares de olhos avidos e de mãos aduncas se fixavam febris sobre a sorte das cartas e dos dados, succedeu a tristeza, o abandono e o desalento.

Plus de jeu,
Partant plus de joie!

Ora, segundo me affirma pessoa que priva intimamente com o illustre ministro do reino, a rasão que o determinou a prohibir o jogo nas praias foi suggerida pela justa lamentação das mães de familia que viam as filhas, adoravelmente encantadoras, quasi abandonadas dos galanteios e affectos dos namorados. N'outros tempos era principalmente nas praias, em face do oceano azul e sob a caricia da aragem maritima, que mais se amava, e que mais casamentos se ajustavam. A convivencia dos janotas com as meninas, desde pela manhã, na praia, até á noite, na valsa, era o grande incentivo para o sagrado laço do matrimonio. Surgiu, porém, uma vez o jogo, esse terrivel concorrente do amôr, e foi immediatamente sacrificada a innocente *dama dos sonhos* á tentadora *dama de paus!* Porque não ha no mundo paixão que possa luctar, que possa dominar e que possa vencer o jogo. Sacrifica-se á mulher amada a patria, a familia, a honra, a dignidade e a vida; mas não se lhe sacrifica nunca o valete de espadas! O Cid

Rodrigue, as-tu du coeur?

o Cid deixa a patria avassalada pelos mouros, e vae sentar-se, sobre uma almofada de velludo, aos pés de Ximenes, para lhe cantar trovas de amor ao bandolim. Mas D. Rodrigo não conhecia então as tentações da batota e do *baccarat;* porque, se as conhecesse, abandonaria tambem por sua vez Ximenes, e, em vez de ir levantar o cerco de Hespanha, iria elle proprio fazer um cerco á quadra!

Foi, pois, esta paixão absorvente e dominante no homem que o sr. ministro quiz combater, ameaçando com a denuncia da rusga e com a pena do Limoeiro os que se entregarem clandestinamente ao vicio da jogatina.

Partiram de Cascaes alguns plenipotenciarios do jogo a parlamentar com o illustre e energico ministro, para o demover do seu proposito. Exposeram rasões, apresentaram argumentos, citaram auctores, falaram, supplicaram, discutiram; mas o ministro, sempre inabalavel, não cedeu. Um dos emissarios, exgotados todos os outros recursos, adiantou um passo, e exclamou:

FOLHETIM

O CASTELLO DE ALMOUROL

I

A filha de D. Magdalena, D. Maria de Mascarenhas, mais velha dezoito mezes do que D. Pedro, seu irmão, contava n'esta epocha dezesete annos, e sem vaidade merecia ser admirada como uma formosura completa. Talvez que o unico senão de tanta belleza fosse a sua mesma perfeição irreprehensivel. No rosto, graciosamente emoldurado pelas luxuosas tranças, confundiam-se os lirios e as rozas na mais mimosa frescura. A bocca, fina e espirituosa, córada como um botão nacarado, breve como um suspiro, quando o sorriso a animava, tinha uma expressão adoravel. Nos olhos pretos, que as assedadas pestanas cobriam ás vezes de uma sombra de enlevada melancolia, a luz serena raramente se inflammava, mas sua tranquillidade languida deixava adivinhar, que se a paixão dormia ainda, facil lhe seria, despertando, illuminar de subito e vivo fulgor aquellas pupilas descuidadas. A mão parecia formada pelo modelo de uma estatua primorosa. O pé estreito e arqueado pousava-se tão leve e elegante, que a vista como que involuntariamente se alçava a buscar nos hombros as azas da Silphide. A voz tinha condão seductor. A estatura, um pouco acima de ordinaria, e flexivel como a hastea de uma flôr, tambem se dobrava como ella, parecendo que o esbelto corpo de melindroso não podia com o doce peso da fronte, em que as mil graças da primeira e namorada primavera competiam umas com as outras sem se vencerem.

As posições e os gestos em sua desafectada singeleza respiravam a attracção, que o calculo debalde se esforça por imitar. Tudo desmentia o artefîcio. O requebro das maneiras, o imperio irresistivel da vista e do sorriso, e a magia arrebatadora das fallas e do semblante, nasciam espontaneos, prendendo os sentidos e a admiração. A formosura da alma ainda era maior, se é possivel. O coração retratava-se na fronte limpida, e os infinitos thesouros de ternura e de abnegação, que por ora concentrava nos extremos de filha e de irmã, quando se abrissem a affectos mais vehementes, promettiam todas as venturas ao amor ditoso. A pureza mais casta, a da ignorancia sublime da infancia, vestia-lhe de candura todos ôs pensamentos. O pejo era n'ella tão sensivel, que affrontado não só faria córar o rosto, mas o corpo. Compassiva e caridosa sabia conciliar a altivez do sexo com a brandura da indole e a firmeza da vontade. Os dotes do espirito esmaltavam as qualidades moraes.

Talvez não houvesse na côrte dama ou donzella tão instruida na lição das boas letras. Os melhores livros de prosa e as obras mais aceitas e castigadas dos poetas portuguezes, hespanhoes e italianos, escolhidos por Fr. João, eram a sua companhia certa nas horas de repouso.

D. Maria presava em D. Affonso de Noronha todas as distincções,

— Então o que diz V. Ex.ª a esta palavra: Monaco?

— A essa palavra Monaco — redarguiu energicamente o sr. conselheiro João Franco — replico com esta outra palavra: Fundão!

Os delegados do jogo sentiram-se derrotados. Voltaram para Cascaes a dar conta da sua honrosa missão. Eram ali esperados com anciedade, e já se preparavam festas para assignalar a victoria. Quando um dos mais interessados perguntou o que dissera o ministro, um dos emissarios, com voz triste e plangente, respondeu apenas:

— Fundão!

Ah! Se o ministro, contra a citação de Nice, de Monte-Carlo e de Monaco, respondia energicamente: Fundão! podia considerar-se irremediavelmente perdida a causa do jogo e triumphante a do matrimonio.

As mães de familia até choraram de jubilo!

GRAZIEL.

CONFIDENCIAS Á GUITARRA

(Continuação)

21

Nas mulheres, guitarrinha,
Já dizia Salomão,
Não ha nada mais vulgar,
Que a falta de coração.

22

Tocadora apaixonada,
Para mim não tem segredos;
Passa a mesma inquietação
Na guitarra e nos seus dedos.

23

Guitarra, de braço d'ébano,
E chaves de prata antiga!
Tinha tanto que dizer...
Mas, não sei, não sei se o diga!

24

Ó guitarra da minh'alma!
Tua voz um mundo cria!
Basta ouvir-te, e já dou largas,
Á mais larga phantasia!

25

Quando cantas, guitarrinha,
Vejo, ao longe, á beira-mar,
Nas espumas, sob a lua,
Damas brancas a valsar.

26

Julgo ouvir um canto, ao longe,
Muito ameno, muito ameno,
De princezas encantadas
N'um castello sobre o Rheno!

27

Guitarra, no teu logar,
Ao meu gosto obedecia;
Em seus dedos me tocando,
Que eram beijos supporia.

28

Vibrar ella as tuas cordas,
Ó guitarra, é já mercê;
Mão macia, côr da neve,
Mas fria, não sei porquê.

29

Quando eu te mando chorar,
Guitarra, pões-te a sorrir;
Não é surdo quem não ouve,
Mas sim quem não quer ouvir.

---

que o exaltavam. Valia menos, porém, a seus olhos a illustração do berço, do que a elevação do caracter e a fidalguia das acções, que em edade tão verde quasi o haviam tornado um paladino. Não seria mulher, comtudo, senão a confirmassem n'este juizo a presença insinuante do mancebo, a gentileza do seu porte e a nobre expressão da sua phisionomia. Os olhos da donzella, sempre pensativos, encontrando os olhos vivos e rasgados do primo, aonde riam as illusões da vida e da juventude, nunca fugiam d'elles, senão a furto, e as rosas mais accezas das faces confessavam o que tentaria encobrir em vão se acaso soubesse dissimular. Nunca os labios dos dois tinham soltado uma palavra, que revelasse o que sentiam. Amavam-se. A alma de um trazia sempre gravada a alma do outro, mas só a eloquencia da vista, indiscreta ás vezes, traira o segredo. D. Affonso, não podendo por mais tempo calar a chamma, que o abrazava, tinha declarado ao pae, momentos antes de metter o pé no estribo e de partir para a campanha, que este amor encerrava todo o futuro de suas esperanças, entregando lhe a sorte d'elle. Sabemos que D. Nuno não perdera a occasião, e que D. Magdalena applaudia o enlace proposto.

A chegada repentina dos filhos de D. Magdalena, da aya e do escudeiro, com alguns criados velhos, colheu de sobresalto o feitor Paulo Rodrigues. Tomado de subito o manhoso camponez, soubera disfarçar o embaraço e as apprehensões, mas custara-lhe a conformar-se com a presença dos amos na casa, que havia tantos annos estava costumado a olhar mais como sua do que d'elles. Mandou varrer e aceiar á pressa duas salas e algumas alcovas do andar nobre, para os hospedar, recolheu a mulher e os filhos nos vãos do palacio, e ainda se lhe carregou mais a viseira quando soube que a senhora e Fr. João Coutinho poucos dias se demorariam atraz da familia.

No primeiro dia reinou profundo socego, mas na segunda noute, mal a ultima pancada do sino batera as doze horas, romperam as diabruras nos quartos da aya e de Romão Pires. Apagaram-se todas as luzes de repente por si mesmas. Estalaram nos corredores risadas infernaes. Soaram ruidos de ferros e cadeias arrastadas. Só ao alvorecer é que tudo desappareceu.

O escudeiro, lembrado dos antigos feitos, apesar do tremor, que lhe sacudia os membros, quiz fazer e fez cara feia ao demonio. Na terceira noute levantou-se da cama, engrolando Padres Nossos e Ave Marias, petiscou lume, accendeu uma vela, abriu a porta de manso e saiu ao corredor, quasi em vestido de banho, mas com a comprida espada nua debaixo do braço. Depressa se arrependeu. Aos primeiros passos um sopro forte apagou-lhe a luz, bramidos roucos e proximos gelaram-lhe o sangue, e um clarão momentaneo e sulphurio mostrou-lhe, envolto no sudario, um spectro descummunal e ameaçador.

Esta horrenda visão deu-lhe com os brios em terra; e, virando costas ao inimigo, logrou refugiar-se no seu catre com a cabeça debaixo das roupas, acto de valor, em que a sr.ª Brizida de Sousa o acompanhava conscienciosamente havia muitas horas. Pela manhã os dous velhos pareciam desenterrados.

O aposento aonde D. Maria de Mascarenhas dormia e uma criada, não foi mais respeitado, e a donzella, transida de susto, contou em vigilia continuada as longas horas, que medeiaram até ao amanhecer. D. Pedro ainda padeceu mais. Acordando sobresaltado ao impulso de mãos

30

No teu caso, guitarrinha,
Ficaria resoando,
N'um gemido muito triste,
Em seus dedos me deixando.

31

Tão depressa a voz levanto,
Ó guitarra, entristeces!
Tens-me ouvido tanta vez,
Que a tristeza já conheces!

32

Tirar d'ella o pensamento,
Diz-me o peito, que não devo;
Mas fazer com que ella o saiba,
Ó guitarra, não me atrevo.

33

Quero as penas abafar,
A guitarra é que não deixa;
É mais nobre quem se cala,
Mais ouvido quem se queixa.

34

Guitarra cheia de vida,
Que a mão d'ella faz vibrar,
Parte as cordas com desgosto,
Se alguem te quizer tocar.

35

Eu quizera ser guitarra,
Para estar na sua mão,
Em segredo, docemente,
A falar-lhe ao coração!

36

Encostada ao peito d'ella,
Ó guitarra, guitarrinha!
Se ao que tens não dás apreço,
Troca a sorte pela minha!

37

Fizesse-me Deus guitarra,
E eu, então, aqueceria,
A beijal-a ardentemente,
A mão d'ella sempre fria.

38

Guitarra, se eu fosse a ti,
Sempre ao pé da minha bella,
Não falava a mais ninguem,
Conversava só com ella.

39

Ó guitarra, guitarrinha,
Satisfaz-me o meu desejo;
Por cada nota arrancada,
Dá-lhe nos dedos um beijo.

40

Guitarra do meu amor,
Basta só para cantar,
Encostal-a ao coração,
E deixal-a palpitar!

(Continúa). FERNANDES COSTA.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A QUALIDADE DO PANNO

Não é tão facil como á primeira vista parece escolher uma peça de panno, que reuna estas qualidades: leveza, solidez, côr fixa, e sobretudo a ausencia de algodão.

Nem sempre os mercadores são conscienciosos, e affirmam que o tecido do panno é constituido de lã, sem que na trama entre um só fio d'algodão, quando muitas vezes succede o contrario.

brutaes e no meio de escuridão profunda, sentiu-se arrancar do leito e balouçar dentro das cobertas entre uivos e rizadas.

Paulo Rodrigues, pelas oito horas veio saber da saude dos amos, e, ouvindo da sua bocca a lastimosa historia dos tormentos e perplexidades nocturnas, contentou-se com encolher os hombros, e observou serenamente, que em vida de seu pae, já tinham muito má fama as casas do andar nobre.

As noutes seguintes não foram mais tranquillas. Os espectros e duendes tinham de certo reservado aquallas espaçosas salas, e os corredores, para theatro de suas diabruras. Dir-se-hia até que o tempo conspirado com elles os ajudava a augmentar o pavor dos hospedes. Rebentaram as trovoadas de maio tão carrancudas e violentas, que os ceus se abriam em relampagos, e a terra tremia com o rebombo dos trovões. As chuvas caiam tão impetuosas que as estradas ficaram convertidas em leitos de torrentes e as terras baixas em lagoas. O Tejo, cheio e empolado, alagava as margens, e suas águas batiam enfurecidas contra os penedos sobre que se orgue o castello de Almourol, salvando por cima do caes em cachões de espuma. Ao oitavo dia acalmaram-se as tempestades, mas redobraram de força os maleficies nocturnos, com terror e espanto summo dos recem-chegados.

Avexados, tremulos e fóra de si, reuniram-se todos e determinaram mudar a residencia para os aposentos do castello, que não tinham desabado ainda minados pelos seculos e pela indifferença; mas o feitor, que estabelecera n'elles uma filha casada, dissuadindo-os do proposito, ponderando que as salas e os quartos do velho edificio dos Templarios, alem de frios e de mais nus, que os do palacio, não eram menos perseguidos de visões. Por horas mortas, exclamou elle, as almas dos cavalleiros tornavam aos sitios, aonde tentos annos os corpos tinham vivido. Nas guaritas de pedra, pelo adarve das muralhas, e nas salas de abobada, espectros cobertos com o manto branco, ornado da cruz vermelha da famosa milicia religiosa, appareciam repentinamente, e no silencio da noute sentia-se o tinir das grevas e sapatos de ferro sobre as lageas e ouvia-se a voz das sentinellas. Até raiar a aurora não se calavam na sala de armas as vozes, as rizadas, e as blasfemias. Escutando esta descripção horrifica, Brizida de Sousa e Romão Pires olharam consternados um para o outro, e depois de se persignarem devotamente, não querendo precipitar-se de Scylla em Carybdes, preferiram supportar as travessuras menos estrondosas dos duendes da quinta. Escreveram entretanto a D. Magdalena pedindo-lhe que os tirasse d'aquelle purgatorio o mais cedo possivel, ou que viesse sem demora em companhia do Sr. Fr. João desalojar os espiritos diabolicos, cuja audacia zombava da agua benta e exorcismos do Vigario de Tancos. Os dous honrados servos confiavam que a grande sciencia do frade doutor e as virtudes do habito de S. Domingos sairiam victoriosas com certeza da rebeldia de Satanaz e da maldade dos seus accessores.

(Continúa). REBELLO DA SILVA.

Ha, porém, um meio de verificar. Na duvida, o comprador exige uma pequena amostra. Ao chegar a casa, pesa essa amostra, reduze-a a fios, e mette esses fios n'uma chicara de porcelana, na qual se tem feito dissolver o mesmo peso de soda ou de potassa caustica em cinco ou seis vezes o seu peso d'agua. Ponha-se ao lume a chicara, até ferver a dissolução, agitando-a de quando em quando com uma colher de pau ou de vidro. Nunca uma colher de metal.

A lã, sob a acção da soda ou da potassa, em breve se dissolverá, emquanto que o algodão ficará intacto.

Depois não ha mais nada a fazer do que seccar o algodão, pesal-o, para assim se conhecer quaes as proporções em que entra no tecido. Como vêem, não ha nada mais simples. E assim se ficam conhecendo duas cousas: a constituição do tecido e a consciencia do mercador.

Anniversarios da semana

Domingo 24 — As sr.as: Viscondessa da Carreira (D. Amelia), Viscondessa de Ovar, D. Maria Luiza Lecoq, D. Jacintha Dalhunty de Fontes Pereira de Mello.

E os srs.: Dr. Augusto João de Mesquita, Guilherme de Mello e Costa, Francisco de Castro Galvão.

Segunda-feira 25 — As sr.as: D. Maria Violante Garcez Palha (Bucellas), D. Zilia Xavier Machado de Mello e Castro, D. Maria Beatriz Pereira Pegado Barahona e Costa.

E os srs.: Carlos Alberto Pereira Basto (Bessone), Dr. Ezequiel de Paula Pá Prego, Dr. Manuel Joaquim de Quintella Emauz, Manuel Luiz Caldas Cordeiro, José da Cunha Freire Pignatelli Falcão da Gama, Antonio Augusto Galache, Lucas Castello de Agrella.

Terça-feira 26 — As sr.as: D. Maria Izabel de Mello (Taveira), D. Maria Joanna da Luz Rego Avellar, D. Maria da Conceição Guedes Quinhones de Mattos Cabral, D. Marianna da Conceição e Silva.

E os srs.: Visconde de Sanches de Baena, D. Antonio da Camara (Carvalhal), Julio Carlos Pereira de Magalhães, João de Castro Osorio, Antonio Jacintho Vilhalva.

Quarta-feira 27 — As sr.as: Condessa de Villa Franca, Condessa de Bertiandos (D. Joanna), Baroneza de S. Cosme, D. Maria Jesuina Duarte de Mendonça, D. Julia Amelia da Silva Fernandes de Seixas, D. Antonia da Camara (Carvalhal).

E os srs.: D. Agostinho de Sousa Coutinho (Linhares), Marianno Joaquim de Sousa Feyo (Boa Vista), Manuel Pedro Guedes da Silva da Fonseca Meirelles de Carvalho, Jayme Arthur da Costa Pinto, Affonso Henriques Dantas Lopes de Macedo, Antonio Cordeiro (Carregoso).

Quinta-feira 28 — As sr.as: D. Guilhermina Adelaide de Sá, D. Francisca de Sousa e Castro (Boa Vista), D. Maria Antonia de Mello Queiroz, D. Maria José Perestrello, D. Anna Adelaide Caldeira, D. Maria das Dores d'Almeida, D. Maria Rita da Fonseca Pamplona.

E os srs.: Dr. Francisco Ignacio de Calça e Pina, Francisco Brederode Smith, Francisco Burnay.

Sexta-feira 29 — As sr.as: Condessa da Borralha, D. Maria Amalia Teixeira Leite de Lencastre (Alentém), D. Leolina Amalia Corrêa da Silva (Paço d'Arcos), D. Maria Emilia Vidal, D. Anna Thereza de Vasconcellos Moraes, D. Maria Thereza Serzedello Munhoz.

E os srs.: Visconde de Wildick, Manuel Maximo de Brito e Castro, Henrique Wan-Zeller, Antonio Maria Pinto Guedes, Apparicio Cabral de França, José Paccini, José Miguel Abecassis.

Sabbado 30 — As sr.as: D. Julia Candida Ceva de Mendonça Taveira (Abrigada), D. Eugenia dos Santos Hirsch, D. Maria da Gloria Girão de Macedo, D. Maria do Pilar Osorio.

E os srs.: Visconde de Villar Secco, D. Sebastião de Noronha (Atalaya), Abel Augusto de Magalhães Pacheco, Bernardino Gomes, Luiz O'Neill, Antonio de Brito.

EPHEMERIDES SEMANAES

18 — Os padeiros de Lisboa augmentam dez réis em cada kilo de pão.

— Fallecimento d'uma filhinha do sr. Bernardo Pindella.

— Chegada a Lisboa do cadaver do duque de Uzés.

— Partida de Sua Magestade El-Rei para o Porto, afim de assistir ás manobras,

19 — O governo manda circular pela cidade carroças vendendo pão pelo preço normal.

— O sr. duque de Luyme vae a Cascaes apresentar os seus respeitos á familia real.

20 — Acompanhando o cadaver de seu pae, segue para os Açores o sr. deputado Eduardo de Abreu.

21 — Regresso de Sua Magestade El-Rei, do Porto.

— Nova experiencia do submarino *Fontes*.

— Fallecimento da sr.a Viscondessa da Fonte do Matto.

22 — Segue para Paris o cadaver do duque de Uzés.

— Visita ao conselho do almirantado do contra-almirante e commandante do couraçado de guerra americano, *Chicago*.

— Partida para Cortegana do sr. ministro das obras publicas.

THEATROS E CIRCOS

Se tiver estancado a chuva, se tiver amainado o vento, e a manhã de hoje se apresentar sob um aspecto differente do aspecto com que hontem se apresentou o dia, o grande attractivo deve ser a corrida de touros na Praça do Campo Pequeno, promovida pela commissão da imprensa, em beneficio das victimas dos Açores.

Não trabalham artistas hespanhoes, e são artistas e amadores portuguezes os que ali vão lidar, concorrendo bizarramente para suavisar a sorte dos infelizes, que a passagem de um cyclone reduziu, no espaço de alguns minutos, á mais completa mizeria.

Entre os amadores, figura Carlos Relvas, que se prestou a ir, como cavalleiro, farpear um touro. Quem conhece o bondoso coração do illustre *sportman*, a generosidade com que sempre acode a festas de caridade, não se surprehendeu da gentileza fidalga com que elle accedeu de prompto ao convite da imprensa. A sua presença na praça deve ser, pois, o principal acontecimento da tourada, e hade, sem duvida, provocar a mais enthusiastica e calorosa recepção por parte do publico.

É para lamentar que na mesma corrida não appareçam os distinctos amadores Visconde da Varzea e D. Antonio S. Martinho, que a doença de pessoas de familia impossibilitam de tomar parte na festa.

Não póde, porém, a commissão promotora deixar de consignar o seu reconhecimento a estes dois illustres fidalgos, que tiveram para com a imprensa as mais nobres e primorosas attenções.

A corrida de hoje, a realisar-se, será, pois, o acontecimento principal do dia, e o mais interessante espectaculo da semana.

*

Na Trindade e no Gymnasio continuam o *Brazileiro Pancracio* e a *Anastacia & C.a*.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

JERONYMO MARTINS & F.º

13, RUA GARRETT, 15

CHAMPAGNE-POMMERY

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1